

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Neves, Victor, 1956-

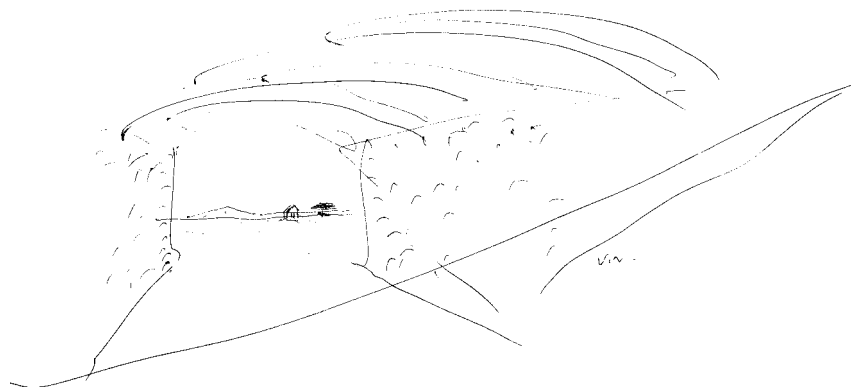
**Esquissos: o desejo do essencial**

<http://hdl.handle.net/11067/4882>

## **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	1998
<b>Tipo</b>	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T02:08:27Z com informação proveniente do Repositório



## ESQUISSOS: O DESEJO DO ESSENCIAL...

**VICTOR NEVES**

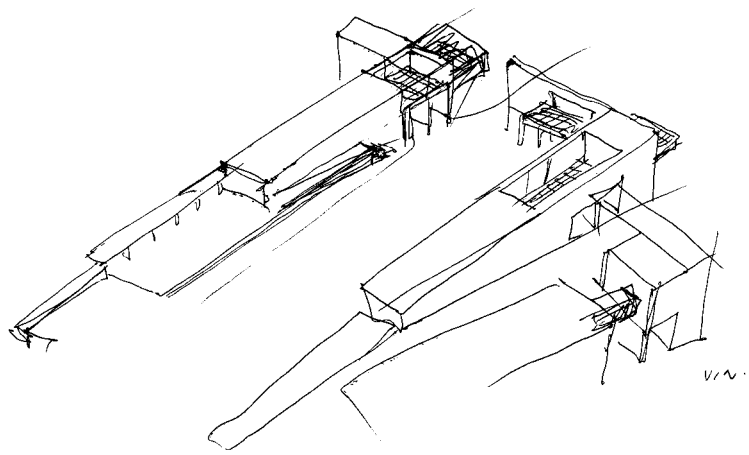
**E**specular sobre o tema do desenho na arquitectura implica sempre vencer uma certa resistência que advém do facto de abordarmos um tema universal na arquitectura e, ao mesmo tempo, tão íntimo para o arquitecto.

O desenho é (ainda) o principal instrumento que o arquitecto usa para projectar e é (ainda) o principal instrumento de representação e comunicação do projecto. Curiosamente, e apesar disso, estamos neste preciso momento a utilizar exclusivamente a **palavra** para especular sobre o desenho, o que reforça ainda mais essa resistência que referimos anteriormente.

No entanto, convirá dizer que este tema do desenho é um tema extremamente actual, sobre o qual vale a pena reflectir, por duas razões essenciais:

- pelo impressionante desenvolvimento e influência que os meios electrónicos e informáticos, (particularmente as tecnologias ligadas à realidade virtual ) têm tido nas formas de representação do espaço e que vêm pondo em causa a clássica representação tri-dimensional do espaço herdada fundamentalmente do Renascimento e do cartesianismo e racionalismo que (ainda) nos rege.

- pela importância que o desenho e em particular o esquisso (tema concreto sobre o qual incide a presente publicação) tem na caracterização e na evolução da arquitectura portuguesa contemporânea e na *praxis* de muitos arquitectos portugueses da



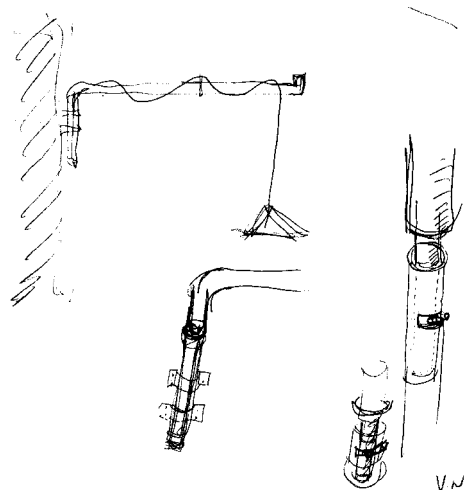
actualidade.

Incidiremos a nossa atenção apenas sobre esta última questão por nos parecer que ela é relevante para a compreensão do que é hoje a arquitectura portuguesa e para determinar aquilo que lhe pode conferir alguma especificidade no contexto da arquitectura ocidental das arquitecturas europeias. Nesse âmbito, a primeira questão que atrás mencionámos (as tecnologias informáticas e de visualização) tem também uma relação directa com a segunda, porque está intimamente relacionada com as estratégias de projecto e com os fins procurados pela maioria dos arquitectos portugueses nos planos retóricos, éticos e poéticos.

O esquisso era até há pouco tempo um tipo de desenho denegrido na sua importância e na sua operacionalidade. Na tradição académica das Escolas de Belas Artes, privilegiava-se o desenho rigoroso, compositivo e artístico. O esquisso era o parente pobre, desdenhado, que se escondia e guardava como um documento privado e exclusivo.

Hoje, para a maioria dos arquitectos portugueses, o esquisso é um elemento fundamental da projectação, que se usa na descrição e justificação dos projectos, e que frequentemente se expõe em publicações ou em galerias de arte, como objectos venerados de arte. Porquê esta inversão? - porquê este súbito interesse nos esquissos de arquitectos? - Qual a efectiva importância do esquisso enquanto instrumento privilegiado no contexto da arquitectura portuguesa actual e qual a sua importância como elemento caracterizador dessa arquitectura?

É difícil determinar e sistematizar aquilo que define uma suposta especificidade da arquitectura portuguesa contemporânea. Estamos a referir-nos a uma arquitectura que é, sem dúvida, heterodoxa e permeável a variadas influências. No entanto, quando nos referimos á obra daqueles arquitectos que têm exercido maior influência nas gerações mais jovens (a persistência de uma dicotomia entre as Escolas de Lisboa e Porto já não tem sentido hoje em dia) e que mais projecção têm tido no contexto da arquitectura ocidental, como Siza Vieira, Eduardo Souto-Moura, Carrilho da Graça, Gonçalo Byrne, Távora, etc., estamos-



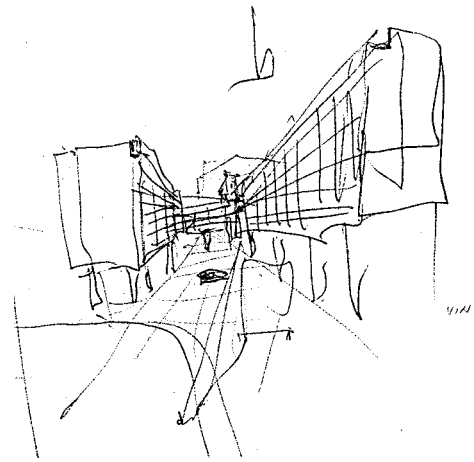
nos a referir a arquitecturas que têm códigos, metodologias e referências comuns. Não vale a pena descrever aqui quais os elementos referenciais que estão na base dessa afinidade linguística, metodológica e ética, mas fixemo-nos numa que é relevante para o tema que agora abordamos. É que essas arquitecturas **privilegiam, antes de tudo, o espaço e a relação com os lugares** e secundarizam a forma. A **arquitectura portuguesa contemporânea** é uma arquitectura que nega os formalismos e qualquer sugestão compositiva ou “estilística” da arquitectura.

Nesse aspecto, afasta-se da grande parte das imagens que vemos nas revistas especializadas, de outras arquitecturas que exploram os aspectos compositivos e epidérmicos da forma arquitectónica.

O esquisso, neste quadro da arquitectura portuguesa contemporânea e da sua suposta singularidade (refira-se que isso não implica a validade de um qualquer “regionalismo crítico” como defende Kenneth Frampton), assume-se, de facto, como um dos principais elementos nesta estratégia de privilegiar o espaço e a relação com os sítios e com os lugares (que por si só também são espaços, com estruturas significativas específicas).

O esquisso tem potencialidades singulares : permite registar o que se vê ; suporta o acto criador e de projectar; permite testar aquilo que se pensa, e permite quase de uma forma imediata expressar as intenções significativas, poéticas, daquilo que se pretende representar. Com efeito, o esquisso, ao contrário do desenho rigoroso que é sobretudo um conjunto de convenções, é um desenho que permite “emocionar” e “poetizar” as ideias e tudo aquilo que se vê. Nesse particular aspecto, substitui com vantagem a própria palavra. Uma figura (mesmo estilizada) desenhada em posição reclinada sobre um muro ou em pose contemplativa ( o que acontece frequentemente, por exemplo, nos esquissos de Siza Vieira) diz muito mais sobre a carga significativa de uma ideia, do que cem palavras.

O esquisso permite a representação de espaços através da perspectiva - mas permite também fixar significados; intenções e



plasticidades a esses espaços. Nisso é singular. Considerando que um significativo número de arquitectos portugueses da actualidade alicerça as suas propostas numa estreita relação com os lugares para onde projectam; considerando que esses lugares são eles próprios espaços - espaços com características que não são só físicas, geográficas, sociais, mas também plásticas e emotivas que o arquitecto persegue, facilmente se compreende a utilidade e validade do esquisso enquanto instrumento que permite fixar e manipular todas essas características do espaço.

O esquisso transforma ele próprio, poéticamente, o contexto - não mimetiza o contexto, mas propõe uma nova leitura desse contexto. Aquilo que se imagina e projecta - a ideia (nem sequer se pode falar de intuição, uma vez que existe frequentemente uma ideia já latente e pré - figurada) baseia-se em primeiro lugar, na estipulação de uma estrutura espacial que inclui tempo; côr, luz, texturas, materiais, etc.

O esquisso concentra os significados aderentes à ideia e aos contextos e permite estabelecer uma relação dialéctica, com os lugares, aquilo que grande parte dos arquitectos portugueses da actualidade procura desde o início do projecto.

O esquisso possibilita, assim, a visualização e memorização do lugar, mas também fazer aderir as intenções do arquitecto para esse lugar. Este processo refere-se a uma re-descrição ou re-invenção dos sítios e dos lugares que faz com que muitos arquitectos desenhem no próprio local esquissos rápidos que cativam o essencial da estrutura física e espacial do sítio, utilizando-os depois para testar e consolidar as suas ideias para esse local. São quase sempre desenhos depurados de acessórios estilísticos, que procuram **o essencial das ideias**; da plasticidade das formas, da sua espacialidade, e também a própria resolução técnica de elementos construtivos. Este último aspecto é justificado mais uma vez, pela consciência que esses arquitectos têm da implicação que determinadas soluções construtivas provocam na definição espacial e poética do projecto.

---

“O desenho é o desejo da inteligência”, afirmou um dia Siza Vieira.

O esquisso imediatiza esse desejo, dá-lhe corpo, dá-lhe espacialidade habitável e procura dar-lhe coerência.

Relativiza o projecto nas suas dimensões ética; retórica e poética.

É meio caminho andado para renegar formalismos efémeros e a vulgaridade do óbvio - aquilo que muitos insistem em recusar.

Lisboa, Maio, 1998